

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/issue/view>

V. 1, n. 1, jan./jun., 2023, p. 52-66.

A GRAÇA DO DISCERNIMENTO E AS VIRTUDES DO PROCESSO

THE GRACE OF DISCERNMENT AND THE VIRTUES OF THE PROCESS

*Donizete José Xavier**

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir a questão da graça do discernimento e as virtudes do processo desde sua perspectiva antropológica. O imperativo da reflexão se fundamenta na ideia de que o discernimento enquanto processo de maturação humana, pressupõe, a priori, o conhecimento de si mesmo, para conhecer a Deus e, concomitantemente, entender-se responsável pelo outro. Nesse sentido, faz-se uma análise do compreender-se diante de Deus. Compreender-se diante de Cristo, paradigma da condição humana, uma vez que “o mistério do homem só se esclarece no mistério do Verbo encarnado” (GS 22). Trata-se de um processo de cristificação, ou melhor, de um processo de busca da “forma crística de ser e de viver”, em que a graça do discernimento age sob a delicadeza do Espírito que tudo ensina e atualiza. Destaca-se que, quando se fala de um processo de discernimento, que diz respeito a uma vida de busca e abertura a Deus e ao próximo, de fato, trata-se de um caminho, caminho esse, da alteridade temporal, da consciência da experiência sentida, da refiguração de cada dia em Cristo, da plena abertura a Deus, da fé que abre seus olhos à realidade que lhe circunda. Quando nos tornamos totalmente nós mesmos, estamos internamente livres para ser o que de fato somos. Por fim, o estudo propõe uma reflexão de como a fidelidade ao Seguimento de Jesus capacita a vida do ser humano no “dom” do Espírito Santo, com meios adequados e divinos, de tal forma que esses podem agir conforme sua condição de filhos de Deus, cristiformemente, pneumaticamente e filialmente.

Palavras-chave: Discernimento; virtudes; Cristo; processo; espiritual.

Abstract: *This article aims to reflect on the question of the grace of discernment and the virtues of the process from an anthropological perspective. The need for reflection is based on the idea that discernment, as a process of human maturation, inherently presupposes self-knowledge in order to know God and, at the same time, to understand oneself as responsible for another. In this context, an analysis of comprehending oneself before God is made. To understand oneself before Christ, the paradigm of the human condition, as "The truth is that only in the mystery of the incarnate Word does the mystery of man take on light." (GS,n.22). It is a process of Christification, or rather, a process of searching for the "Christic way of being and living", in which the grace of discernment acts under the delicacy of the Spirit who teaches and refreshes all. It is worth noting that when we refer to the process of discernment,*

* Doutor em Teologia Fundamental pela Universidade Gregoriana de Roma (2014). Diretor Adjunto e Professor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa “Questões de Deus”.

which concerns a life of searching and opening to God and to our neighbor, in fact, we are describing a path, which is a path of temporal otherness, of the awareness of lived experiences, of the refiguration of each day in Christ, of full openness to God, of faith that opens your eyes to the reality that surrounds you. When we become ourselves fully, we are internally free to be who we truly are. In conclusion, the study proposes a reflection on how fidelity to the teachings of Jesus empowers the life of human beings with the “gift” of the Holy Spirit, utilizing suitable and divine means in such a way that individuals can act in accordance with their status as children of God, christiformly, pneumatically and filially.

Keywords: *Discernment; virtues; Christ; process; spiritual.*

INTRODUÇÃO

Sabe-se que hoje não podemos falar de Deus sem uma referência direta com o ser humano. Trata-se da relação dialógica entre o Criador e a criatura, onde o ser humano exerce uma tarefa decisiva na interlocução comunicativa de amor com o seu Criador. Tem-se consciência, cada vez mais, da necessidade de uma reflexão profunda da estrutura fundamental da antropologia teológica no ocupar-se da relação amorosa entre Deus e o ser humano e, concomitantemente, do tema do discernimento no terreno comum compartilhado da nossa existência.

A antropologia tange à questão da relação entre Deus e o ser humano, porque Deus não pode ser visto como uma realidade introduzida fora da condição humana. Falar do homem é falar de Deus, pois em todas as questões do homem, está a questão de Deus. Nesse sentido, o discernimento, compreendido enquanto realidade relacional, tange a questão da fé, pois, na gramática da vida, pode aprender a decifrar como Deus se autocomunica e salva. A fé cristã é uma realidade relacional, porque o Deus que se nos revela se autocomunica como amor, e o amor pressupõe o reconhecimento de um Outro. De um Tu. Nestes termos, é importante reafirmar que a fé é uma forma de ser e de existir que envolve um caminho de discernimento e de decifração do próprio mistério, que habita e inabita no mais profundo do humano. Tema que toca as fibras mais recônditas do mistério da existência humana.

O mistério de ser interpelado por Deus que o chama a uma vocação particular, que se insere no contexto de uma missão que lhe é confiada: “*a busca da sua terra prometida*”. Somos por si, como um eu em saída. Um eu em busca do tu e do Tu. Um eu em busca do outro. Do totalmente Outro. Como Abraão, estamos em busca da nossa terra prometida ... esse é o nosso processo, nosso percurso, nosso peregrinar ... É um caminho, e o caminho, só se faz caminhando. Caminho cujo o discernimento está sob a perspectiva da lógica do processo, do conheça-te a ti mesmo, perpassado necessariamente pelo Seguimento de Jesus, via que capacita a vida do ser humano no “dom” do Espírito Santo com meios adequados e divinos. No fluxo do

Espírito, no processo de discernimento, o ser humano pode agir conforme sua condição de filho de Deus, isto é, agir filialmente, cristiformemente e pneumaticamente.

1. CONHEÇA-TE A TI MESMO – COMPREENDO-TE DIANTE DE DEUS

Já nos ensinava a patrologia grega, “se quiseres chegar ao conhecimento de Deus, procura antes conhecer-te a ti mesmo”.¹ Na sabedoria dos antigos, dos nossos pais na fé, ninguém poderia encontrar o caminho para Deus vivendo a margem de si mesmo, senão realizando esse caminho de conhecer-se a si próprio. “O homem se conhece a partir de Deus que nele se reflete”, nos dizem Orígenes e Ambrósio.² De fato, os padres da Igreja compreenderam na mística do discernimento que a tarefa do ser humano consiste, por meio do “conheça-te a ti mesmo”, em descobrir o seu horizonte de possibilidades. E a mais legítima que lhe habita é a possibilidade/capacidade da revelação de Deus, de se relacionar livremente com esse Deus que é Amor. Nesse sentido, se partimos da consideração de que a graça do discernimento é a “arte de compreender a si mesmo”,³ como nos tem definido o teólogo Marko Ivan Rupnik, parece-nos pertinente ressaltar que a questão da consciência de si se nos apresenta como primeiro movimento desse processo de chamamento de Deus que denominamos vocação humana. “Para o cristão, é claro que quem chama é Deus. Somente Ele pode entrar na vida do homem com voz imperiosa, só ele pode arrogar-se o direito de propor ao homem um destino que toca toda a sua vida”, diz J. Manuel Cordobés.⁴ Por outro lado, continua o teólogo: “Para o cristão, Deus é Pai do homem, com paternidade muito distante ao mesmo tempo: imanente e transcendente. E por isso o chamado se faz necessário, porque a distância é sempre longa. Voz e vocação têm a mesma raiz e ambas as palavras se unem em Deus que chama”.⁵ Por outro lado, acentua-se cada vez mais que o adágio délfico, “conheça-te a ti mesmo”, vincula-se à busca de sentido que o ser humano tem realizado após a crise da metafísica no final do século XIX.⁶

Porém, é a compreensão tomista de que há no ser humano uma orientação ou ordenação para Deus [*ordo hominis ad Deum*; ST II-II. Q.8 a.1], que tem iluminado a interpretação

¹ GRÜN. Anselm. *Oração e Autoconhecimento*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 14.

² *Ibid.*, p. 14.

³ RUPNIK, Marko Ivan. *O discernimento*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 15.

⁴ CORDOBÉS, J. Manuel. Vocação. In: FIORES, Stefano. GOFFI Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: 1993, p. 1188.

⁵ *Ibid.*, p. 1188-1189.

⁶ PIE-NINOT. Salvador. *La teologia Fundamental*. Dar razón de la esperanza (1 Pe 3 15). Salamanca : Secretariado Trinitario, 2009, p. 104.

moderna da religião e interpretado a existência partindo de um fundamento de sentido absoluto.⁷ Cabe aqui dizer que o caminho do conhecimento interior aponta para um desejo absoluto de sentido no ser humano, como condição de completude diante da sua angústia de finitude inerente a sua existência. O ser humano, enquanto ser finito, é paradoxalmente habitado pelo desejo do infinito; isso é mistério e beleza. Razão de sua vocação e capacidade ao infinito que entra e constitui a sua definição. Em termos teológicos, se pode dizer que o homem e seu sentido absoluto, entendendo que ao dizer ‘radicalmente’ e ‘em última estância’ se remete a sua superação transcendente, em definitiva, teonoma, é dizer, para Deus.⁸ Nas palavras de Greisch: “se aqui eu tivesse que resumir em uma palavra a categoria fundadora do processo de discernimento da compreensão a qual o ser humano religioso se dedica a interlocução com Deus eu não hesitaria em dizer com Kierkegaard que é a noção de estar diante de Deus (*coram Deo*)”.⁹ Numa situação de criatura, como ser finito, o ser humano diante de Deus, habitado, no coração de si mesmo, traz consigo a abertura infinita a Deus o seu desejo mais profundo e íntimo.

2. O DISCERNIMENTO DE UMA VIDA EM CRISTO

Para a fé cristã, estar diante de Deus significa estar inserido numa relação dialógica de liberdade e amor. Estamos sempre envolvidos num processo livre de comunicação e amor. Nas palavras de Rupnik, “nossa fé é sempre uma resposta ao amor com o qual Deus nos atinge. É possível, portanto, crer em Deus, relacionar-se com ele, pois ele relacionou-se conosco e abriu caminho do nosso retorno a si”.¹⁰ Crer é aceitar o chamado, é confiar, é entregar-se. Como sugere a etimologia medieval, “crer significaria ‘cor dare’, dar o coração, colocá-lo incondicionalmente nas mãos de Outro”.¹¹ O cristão é chamado a viver a sua fé nesta entrega incondicional, cujo paradigma é Cristo, em sua relação filial com o Pai. “Cristo é o êxtase de Deus para com a humanidade, é também o nosso êxtase diante de Deus”.¹²

Somos filhos no Filho e é com Ele que mergulhamos na relação filial com o Pai. A vida cristã como caminho que se faz, é processual, é vida filial em Cristo e no Espírito Santo. De per si, ela tem um modo operante. Viver como cristão implica uma vida de filhos de Deus em

⁷ *Ibid.*, p. 104.

⁸ *Ibid.*, p. 106.

⁹ GREISCH, Jean. Lire, interpréter, comprendre. In: J. VERHEYDEN, T.; VANDECASTEELE, P.; HETTEMA, Tl. *Paul Ricoeur poetics and religions*. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2011, p. 26.

¹⁰ RUPNIK, Marko Ivan. *O discernimento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 15.

¹¹ FORTE, Bruno. *Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 16.

¹² RUPNIK, Marko Ivan. *O discernimento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 99.

Cristo, na docilidade do Espírito Santo, na Igreja, na sociedade e no mundo.¹³ Parece-nos que nesse processo configurador a Cristo um autêntico caminho espiritual se faz necessário como itinerário de maturação da fé. Trata-se da compreensão da vida na sua totalidade como forma crística de ser e de viver – uma ontologia da vida cristã. O cristão deve viver sua vida a maneira filial de Jesus, o que confere a tarefa de discernir continuamente a vontade de Deus em sua vida (Ef 5,8.10.17). Surge aqui a consciência da identidade cristã, como ideia expandida de si mesmo reflexivo. E é o Espírito Santo, dom altíssimo de Deus, princípio dinâmico e norma de seu agir, reflexo do seu ser transformado. Paulo entendeu muito bem isso em sua vida quando disse: “Para mim, viver é Cristo” (Fl 1,21); “Com Cristo estou crucificado, e já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim” (Gl 2,21). Como afirma Nereo Silanes, “o mistério de Cristo passa pela pessoa e se manifesta em sua vida e vice-versa”.¹⁴ O discernimento é parte imprescindível da busca dinâmica da autenticidade cristã. Nas palavras de Barrufo: “Todo cristão que haja experimentado o Espírito tem de se habituar a esta percepção espiritual, a esta delicadeza do Espírito que o mantém em sua identidade”.¹⁵ Quando nos tornamos nós, totalmente nós mesmos, estamos internamente livres para ser o que de fato somos. “Tornar-se si mesmo com as palavras de São Paulo é dizer: ‘Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’ (Gl 2,20). [...] Quando Cristo vive em mim, eu sou totalmente eu mesmo”.¹⁶

Compreender a vida cristã como um caminho é compreendê-la como processo, como crescimento. Há sempre um processo de amadurecimento, de configuração e refiguração de uma vida que se refigura em Cristo. Do tempo refigurado da identidade cristã, o da alteridade temporal, da consciência de que algo aconteceu em mim, de que é uma experiência muito mais sofrida do que dominada, dos frutos do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio (Gl 5,14-22; Ef5,8-10; Rm 7,4-5.19-20). Há uma descoberta de uma ontologia da vida cristã, a de ser em Cristo (1Co 1,30). Assim, o discernimento nos leva ao “Alegramo-nos e demos graças: cheguemos a ser não só cristãos, porém, Cristo. Admirai-vos e alegrai-vos cheguemos a ser Cristo ... Os cristãos, porém, filhos de Deus, sendo ele cabeça e nós os membros, somos o único Filho de Deus”.¹⁷ E também, esse

¹³ SILANES, Nereo. Vida cristã. In: PIKAZA, O.; SILANES, Nereo. *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 935.

¹⁴ SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 935.

¹⁵ BARRUFO, Antonio. Discernimento. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 283.

¹⁶ COEN, Monja; GRÜN, Alselm. *A descoberta da existência*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 91.

¹⁷ SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 931.

mesmo discernimento nos faz compreender-se como um povo em construção, que sabe reiniciar processos.

Recordamos aqui um dos quatro princípios para a construção de um povo, segundo o Papa Francisco: “o tempo é superior ao espaço” (EG 222-225; LG 57; LS 175; AL 3,261). Princípio que deve ser lido na perspectiva das virtudes teologais, fé e esperança, diante da caminhada de um povo que tem em sua trajetória histórica, Deus como seu guia. A esperança semeia começos e é a virtude de quem sabe iniciar processos como dizia Emmanuel Mounier.¹⁸

Nenhum processo de discernimento será autêntico se não passar pelo crivo do acrisolamento da alteridade temporal que nos permite um tempo refigurado. Segundo Rupnik, “o homem morto, como Lázaro na tumba, ouve a voz que de fora o chama (cf. Jo 11,43). Mas, em vez da pedra que lacrava o sepulcro, encontra o Pai que lhe traz ao colo”.¹⁹ O tempo refigurado do viver em Cristo. Eis aí a mística cristã, quando lida numa chave antropológica se torna sabedoria para o ser humano que acolhe a revelação de Deus e se compreende a partir do mistério do Verbo encarnado. Por outro lado, a mística cristã é trinitária, seu ponto de partida é o Batismo selado pela confissão trinitária; pela imersão na vida trinitária. A Trindade contemplada em suas obras, ou em suas operações *ad-extra*, nos mostra que o mistério trinitário é antes de tudo comunitário, comunhão de Pessoas divinas, manifestada na Igreja, na sociedade por meio de uma comunhão de Pessoas. No processo de discernimento, a consciência da comunhão fraterna torna-se o critério mais seguro e importante que revela os sinais da presença do Espírito Santo (1Cor 13).²⁰

3. A VIDA EM CRISTO NA DOCILIDADE DO ESPÍRITO SANTO

Mas, é preciso retomar a questão operante da vida cristã, que viver como cristão implica uma vida de filho de Deus em Cristo na docilidade do Espírito Santo. A alta teologia nos ensina que o Espírito participa da encarnação, porém não se encarna, age na carne inseparavelmente do Verbo. A teologia da *kénosis* tem compreendido que o Espírito desce sobre a carne humana. Esta condescendência do Espírito autoriza falar de *kénosis* do Espírito, que se abaixa e descendo da eternidade de Deus até a condição vulnerável e mortal da natureza humana, confere ao ser humano dons inefáveis (Rm 8,26). Segundo Nereo Silanes, “O Espírito Santo capacita o ser humano com meios adequados, também divinos. As virtudes teologais agem de modo

¹⁸ XAVIER, Donizete José. *Teologia Fundamental: introdução à Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 254.

¹⁹ RUPNIK, Marko Ivan. *O discernimento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 98.

²⁰ BARRUFO, Antonio. *Discernimento*, p. 287.

semelhante as potências sobrenaturais, mediante as quais o homem pode agir conforme sua condição de filho de Deus”.²¹

A ação conjunta do Espírito e do Verbo, dá-se assim: “O Filho se encarna como pessoa e o Espírito Santo participa da encarnação com a carne por ele santificada, isto é, com a natureza humana psico-corpórea”.²² A questão que aqui se coloca é a significação teológica da *kénosis*, diante de um Deus que, livremente na encarnação do seu Filho Jesus Cristo, entra na aventura humana correndo o risco do humano, experimentando o drama humano na sua total radicalidade. Nada do que é humano fica desconhecido desse Deus que em sua humanidade assume como dele toda a nossa história, toda a nossa dor e alegria, toda a nossa angústia e esperança, todo o tecido da nossa existência que constitui o corpo orgânico de uma vida experimentada e vivida. Nas palavras de Olegário Cardedal, “Jesus Cristo é o sujeito único onde Deus tem existido como homem e onde a humanidade tem recebido a plenitude de Deus, na medida em que o tempo, a liberdade e a finitude podem recebê-la sem quebrar-se e sem deixar de serem elas mesmas. A encarnação de Deus, que é simultaneamente a divinização do homem, é assim o centro da história”.²³

O Espírito colabora com Cristo na constituição e no desenvolvimento do ser cristão juntamente com o Pai (1Cor 12,4-6). Nas palavras de Nereo Silanes: “selado no Espírito (Ef 1,13; 4,10) o cristão possui em si o Pneuma divino como princípio de filiação, de crucificação e de eclesialização ou fraternização”.²⁴ Nessa perspectiva, a pessoa descobre que nela inabita o Espírito Santo e que o seu processo de santificação só se compreende à luz da humanização do nosso Deus. Como afirma o Concílio Vaticano II, “Porque, pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem” (GS 22). Em Cristo a natureza humana foi assumida e não destruída e nada do que seja autenticamente humano é desconhecido deste Deus encarnado. Ele elevou a humanidade à sublime dignidade, pois a humanização perfeita do homem é, de modo idêntico, sua divinização. Não é sem consistência teológica que os Padres da Igreja, nossos pais na fé, chamaram esse processo de deificação do homem, sua suprema humanização.

²¹ SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 929.

²² BULGAKOV, Sergej Nikolaevic. *L'agnello di Dio: el mistero del Verbo incarnato*. Roma: Città Nuova, 1990, p. 232.

²³ GONZÁLEZ CARDEDAL, Olegario González. *La entraña del cristianismo*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2001, p. 625.

²⁴ SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 924.

É no Espírito que a vida do cristão é, por conseguinte, um novo modo de ser. O cristão assume no tempo uma ampliação do próprio modo de ser de Deus. Como afirma Nereo Silanes, é daí “que decorre o caráter e o conteúdo trinitário da ontologia da vida cristã”.²⁵ O que constitui a Igreja corpo de Cristo é o dom pentecostal, o dom do Espírito (LG 7). Quando o cristão discerne esse processo em sua vida, assume sua condição filial, marca original, crística e espiritual que Deus lhe imprimiu desde o ato da sua criação. “Filial, dado que é a vida que recebe em Cristo, é a mesma que recebe do Pai, é espiritual todas as vezes que esta vida tem como princípio gerador e motor o Espírito Santo”²⁶. “É por meio do Espírito Santo que o ser humano consegue agir deiformemente”.²⁷ Ação que pressupõe a colaboração livre do ser humano.

4. DISCERNIMENTO ENQUANTO PROCESSO DA DIVINO/HUMANIZAÇÃO

Quando se trata do tema da humanização, podemos dizer que em termos da alta teologia, faz necessário resgatar o célebre anacoluto nazianzeno: “o que não foi assumido pelo Verbo não foi redimido”.²⁸ Essa enunciação teológica de Gregório Nazianzeno, no quadro das reflexões patrísticas, no que diz respeito ao desígnio salvífico de Cristo, coloca em evidência a questão da doutrina da assunção de toda humanidade por parte do Verbo, a inclusão em Cristo de toda a humanidade.²⁹ Nesse horizonte cristológico, articula-se a Antropologia, pois com a encarnação do Verbo, como assumiu o Concílio Vaticano II e em suas palavras, “com a encarnação o Filho de Deus uniu-se de certo modo (*quadam-modo*) com todo ser humano”.³⁰ Para Ladaria, a expressão de “certo modo” quer assegurar a irrepetibilidade da encarnação e da união hipostática, ocorridas apenas uma vez e para sempre.³¹ Como nos recorda Leonardo Boff, recorrendo a Santo Atanásio, afirma que, “não só a humanidade vem penetrada pelo Filho, mas também o cosmos inteiro, é de alguma forma, o seu corpo. Pela encarnação, a carne não é mais terrena; ela é verbificada (feito verbo). Com o Filho, a filiação invadiu o mundo”.³² Ainda citando o Bispo de Alexandria, continua o teólogo: “pela encarnação toda a criação [...]

²⁵ *Ibid.*, p. 924.

²⁶ BULGAKOV, Sergej Nikolaevic. *L'agnello di Dio*, p. 232.

²⁷ SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 924.

²⁸ PAPA BENTO XVI. São Gregório Nazianzeno. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070822.html. Acesso em: 31 jul. 2023.

²⁹ GONZÁLEZ CARDEDAL, Olegario. *Dios*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004, p. 528.

³⁰ PAULO VI. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Declarações, Decretos*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 22.

³¹ LADARIA, Luis. F. *La Trinidad misterio de comunión*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2007, p. 98.

³² BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 25.

fazendo-a divina e tornando-a filho e assim a conduz ao Pai (*Ad Serapionem*, 1,25). Há, pois, um caráter filial e fraternal em toda a criação, não somente na esfera humana. Vigora uma cristificação na matéria. As pedras, os ciscos do caminho, as plantas todas, os animais das selvas e do nosso convívio, tudo o que existe, se move, sente, vive e pensa tem a ver com o ‘mistério da encarnação’”.³³ Eis aí a compreensão mais legítima do paradoxo da carne, da compreensão da liturgia cósmica sonhada por São Francisco de Assis com sua intuição da permeabilidade da matéria hospedeira do divino, da sacralidade do humano e das coisas criadas, do desejo do Papa Francisco,³⁴ do sonhar com uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.³⁵ Do perceber assim como Francisco de Assis, o mundo como sacramento e espelho do invisível e sentir-se movido a uma contemplação reverencial do cuidado ético-ecológico.

Eis aí o paradoxo da carne que nos impõe pensar esse conceito para além da sua materialidade, como categoria fenomenológica capaz de abrir-nos horizontes de possibilidades que nos lança a um processo autêntico de educação para a responsabilidade ecológica.³⁶ Pensar o paradoxo da carne como um conceito-limite e aberto numa visão integral que valorize a interdependência orgânica de tudo o que existe, pois tudo está interligado. O tempo pós-pandemia será mais exigente a estas questões, pois como assevera Bernardo de Claraval: “A ferida do corpo abre o mistério do coração – *patet arcanum cordis per foramina corporis*”.³⁷ Esse tempo que nos coloca diante de novos desafios também nos conclama a sermos guardiões

³³ *Ibid.*, p. 27-28.

³⁴ PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020, n. 8.

³⁵ Paralelamente podemos ler como apresenta Leonardo Boff a *Laudato Si* e a *Fratelli Tutti* como textos seminais do Papa Francisco, no que diz respeito a tomada de consciência de que fazemos parte da carne do mundo. Nas palavras do teólogo: “esses documentos resgatam a origem comum de todos os seres e do próprio ser humano, formados do *humus* da Terra [...]. Todos possuímos os mesmos elementos físico-químicos formados no interior das grandes estrelas vermelhas, há bilhões de anos; todos somos interdependentes; todos formamos a grande comunidade de vida e nos encontramos enredados em teias infundáveis de energias nos retroalimentando; todos temos um destino comum, Terra e humanidade, porque formamos uma única e mesma entidade que sente, pensa, ama, cuida, celebra e venera”. BOFF, Leonardo. *Habitar a terra*: Qual o caminho para a fraternidade universal? Petrópolis, Vozes: 2022, p. 27.

³⁶ Somos feitos do mesmo sódio e do mesmo potássio. Continua o teólogo: “cada ser possui um valor intrínseco, independentemente do uso humano, e por isso deve ser acolhido e respeitado. [...] todos somos feitos pó das estrelas e levamos dentro de nós o seu brilho e calor. Existimos para brilhar e para vivermos juntos a comensalidade e a alegre celebração da vida”. BOFF, Leonardo. *Habitar a terra*, p. 27.

³⁷ *S. Bernardi abbatis primi Clarae- Vallensis opera omnia* 2. 1962, p. 1.072. In: HALÍK, Tomás. *Toque as feridas*: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 39.

do humano à luz da Trindade, uma vez que, como saída e encontro, o ser humano é por vocação ontológica, comunhão.

A teologia em sua máxima compreende o humano como dom-doadado, o humano é algo recebido, nesse sentido, lugar por excelência em que se desenvolve a imagem trinitária de Deus. Essa é a sua condição de revelação, sua função revelante. O que implica dizer que, o humano dispõe em si um dom que não lhe pertence, algo que ele não é dono, mas receptor. Esse é o seu caráter vocacional, pois o ser humano é chamado a desenvolver em si o humano com a sua responsabilidade: ele é o guardião do humano.³⁸ Marko Ivan Rupnik costuma dizer em suas colocações por aí afora, que o homem só é divino-humano, se, se é de Cristo. Se é expressão da divina humanidade de Cristo. É o que Bulgakov chama de teantropia e que resulta na mais alta responsabilidade da humano-divinização.

5. DISCERNIMENTO COMO PROCESSO DE MATURIDADE HUMANA E ESPIRITUAL

É pelo grau de humanidade que se mede o grau de maturidade atingido. O processo do discernimento pressupõe também medir esse grau de maturidade humana e espiritual. Se até agora temos insistido que o mistério de Cristo passa pela pessoa que o assume na sua vida, da mesma forma a vida desta pessoa se torna manifestação do mistério da pessoa de Cristo. De fato, a história da salvação que se realiza em Cristo manifesta um Deus que ama e se deixa afetar pelo seu povo. Deus se manifesta em Amor e Misericórdia e convida o ser humano a assumir esses aspectos divinos como características humanizadoras que configuram a vida da pessoa humana.

Nas ocorrências bíblicas de raízes hebraicas a palavra misericórdia origina-se dos termos *Rahûm*, *hannûn* e *hesed* – palavras que possuem um sentido semântico decisivo para se compreender a relação entre o amor e a justiça, como condição própria da misericórdia. De acordo com Carlo Rochetta, é preciso considerar antes de tudo, o vocábulo bíblico *rahûn*, uma vez que o mesmo deriva da raiz *rhn* e ao mesmo tempo remete a um sentimento visceral e

³⁸ O homem como guardião do humano: Se na *Laudato Si* o conceito carne não aparece explicitamente, mas seu sentido está implícito e dá o que pensar. De fato, como afirma Carbojo Núñez: “necessitamos duma visão integral, que valorize a interdependência orgânica de tudo o que existe”. Ao nosso ver, o conceito carne, compreendido nessa estrutura fenomenológica apresentada, permite dar um salto qualitativo no entendimento de que somos uma única carne, um corpo orgânico, pois como afirma a *Laudato Si*, tudo está intimamente relacionado. Nesses termos, o cuidado da terra é inseparável da fraternidade (*Laudato Si*, 70). BOFF, Leonardo. *Habitar a terra*, p. 28.

corresponde a uma vivência de forte participação afetiva, resultante do amor que se traduz em gestos concretos de bondade, de solicitude e de compaixão.³⁹

Do substantivo *rahûn* no plural, deriva *rahamîm*, que se traduz por compaixão, que tem como singular a palavra *rèhèn*, que designa por ser o útero da mulher. Da mesma raiz *rhn* deriva-se o adjetivo *hannûn*, muito próximo da ideia da paciência divina, e o substantivo *hen*, que significa favor, graça, indicando o efeito da ternura na ação de quem se compadece. A palavra *hesed*, com forte característica afetiva, indica amor de benevolência, afeto gratuito, ternura.⁴⁰ O substantivo vincula-se ainda a *met*, que significa fidelidade. Diante de tudo isso, o que recobre essa família de palavras é o fato de o homem bíblico viver intensamente seus sentimentos e, quando esse fala de Deus, utiliza-se desta mesma linguagem para expressar a ternura Daquele na história dos homens. O termo *hesed* e seu plural *hasadîm* expressam que o Deus que se revela e se dá a conhecer como um Deus sim-pático, compassivo, que sente e sofre com o ser humano.⁴¹

Como nos diz o Papa Francisco na *Evangelho Gaudium*: “Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG, n. 88). O substantivo ternura (do latim *teneritia*), evoca a ideia de algo mórbido, desprovido de dureza ou rigidez, e remete a um afeto interior vivido com participação viva, afetuosa e dinâmica. Adjetivo terno (*tenerum*, de tender, estender-se para projetar-se), o qual supõe e implica uma atitude que orienta a sair do eu para encontrar com o tu, tendendo para ele, em uma relação real de dedicação e reciprocidade. A ternura é flexibilidade, permeabilidade, abertura de coração, disponibilidade à mudança, e se constitui como rosto concreto de uma dileção afetiva que se faz benevolência e afabilidade.

6. O DISCERNIMENTO COMO SEGUIMENTO

A vida cristã é marcada fundamentalmente pela configuração ao seguimento de Jesus. O seguimento de Jesus é uma realidade que afeta a totalidade do mistério da nossa existência, pois não seguimos uma ideia, uma filosofia de vida, uma ideologia; seguimos, sim, uma pessoa concreta, Jesus de Nazaré. Nesse sentido, o seguimento nos envolve numa relação de “confiança em Jesus como Filho do Pai e irmão de todos, que abriu para todo o ser humano o amor como

³⁹ ROCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um evangelho a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 120.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 120.

⁴¹ HALÍK, Tomás. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 23.

caminho único da realização existencial”.⁴² Não é sem consistência que o Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*, nos chama a atenção para essa dimensão ao tratar sobre a questão da Igreja como filiação e fraternidade em Cristo, uma vez que a filiação com Deus e a fraternidade humana se realizada por mediação de Jesus Cristo, luz dos povos.⁴³

Nessa perspectiva, é decisivo situar-se no quadro do desígnio amoroso de Deus, o acontecimento histórico Jesus de Nazaré, isto porque, a partir da sua pessoa se constrói uma cristologia da *kénosis* que se fundamenta na necessidade de voltar à singularidade de Jesus enquanto realidade factual, fonte de toda a teologia. Da sua singularidade se pergunta pela significação da sua universalidade, pelo sentido que a sua pessoa tem e dá para todos os homens de ontem, de hoje e de amanhã, uma vez que, a sua pessoa concreta revela o mistério de Deus e o mistério do homem⁴⁴ (GS 22). Deus trino se revela em Jesus Cristo e, concomitantemente, na sua pessoa, revela-se a dimensão trinitária do homem.

A partir dos testemunhos das narrativas bíblicas, a iniciativa do chamado é sempre de Jesus, pois é ele que passa, olha e chama (Mc 1,17-20). O chamado é um longo processo de repetidos chamados e respostas. O chamado é gratuito, acolhedor e exige compromisso. Na prática, o chamado coincide com a convivência. A fraternidade é uma característica do seguimento de Jesus. Quem quer seguir Jesus deve mudar de vida e crer na Boa nova (Mc 1,15). Quem não estiver disposto a fazer tudo isso “não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33).

As narrativas do Novo Testamento são o único documento para conhecer o Jesus histórico, pois são dados legados por pessoas que conviveram com ele e dão testemunho dessa convivência. Embora se saiba que as narrativas não são fontes históricas, no sentido moderno do termo, são versões escritas pelas comunidades de acordo com a sua experiência. São narrativas do agir dos discípulos que expressam a significação universal do fato Jesus Cristo, vivido por eles, e sua profissão de fé que permite conhecer a originalidade de Jesus – o fato de ter vivido como homem. O testemunho dos que conviveram com ele constroem narrativas históricas.

É preciso ainda ter em conta a mais tenaz das formas dessas narrativas, pois atestam a autocomunicação amorosa de Deus, e, em primeiro lugar, o que Deus revela de si mesmo a nós. Revela-nos, que, Ele é Pai. O Deus revelado em Jesus Cristo, é um Pai que realiza plenamente

⁴² SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 929.

⁴³ PAULO VI. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Declarações, Decretos*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 1.

⁴⁴ *Gaudium et Spes*, n. 22.

sua paternidade no Filho por meio do Espírito Santo. É o Deus que se revela como Trindade. Na sua autocomunicação amorosa, Deus se manifesta como Amor e Misericórdia. Nas palavras de Ruiz de la Penã: “amor que se traduz no ‘dom de si’ ao Pai até a morte de cruz, para realizar seu projeto de libertação integral do ser humano e restituir-lhe sua dignidade de filho de Deus e irmão de todo ser humano”.⁴⁵

A autocomunicação divina está no fato de o Verbo se fazer carne no homem Jesus Cristo, entrando definitivamente na aventura humana, na criação de maneira intersubjetiva e tornando-se parte dela. Em Jesus Cristo, Deus não fala só por meio de uma palavra humana, mas por sua Palavra que se fez carne tornando-se compêndio e cabeça de toda criação. “No seguimento de Jesus se explica a fidelidade ao Espírito de Jesus que é o interprete das dificuldades do seguimento, para que não se obscureça o sentido das bem-aventuranças”.⁴⁶ Por outro lado, é o seguimento de Jesus que nos ajuda a vencer o pecado, uma vez que por meio dele recebemos o “dom do Espírito de Jesus”, que nos oferece consolação espiritual, pois é o Paráclito que vem em nosso socorro (Rm 8,5). Como afirma Rupnik, “Já que pertencemos a Deus, a ele nos entregamos, o Senhor age sobre nós agindo em nós”⁴⁷ (2008, 104).

CONCLUSÃO

É preciso estar no Espírito, tê-lo como fonte motora que nos interpela e move filial e fraternalmente numa espécie de *kénosis* que se realiza como rosto visível e credível, numa espiritualidade que se configure na radicalidade do seguimento de Jesus que se fez pobre com os pobres. É preciso discernir aquele sentimento dinâmico de ordem ativa inscrito no mais íntimo que nos habita; lugar onde Deus faz morada em nós e que nos direciona à vitalidade interior à orientação que “move para” uma filiação cristiforme e que nos “dispõe-nos” pneumaticamente. A vida do cristão se realiza em caminho ajustado ao Espírito e pelo Espírito.

Nesse sentido, falar da graça do discernimento e as virtudes do processo, exigiu-nos fundamentar primeiramente nossa relação com Deus. É Ele que chama, e toda vocação tem de confrontar-se com os pressupostos humanos, existenciais e espirituais: acolhimento, liberdade, resposta e seguimento. É aqui que se entende o ser humano num autêntico processo de discernimento, pela mediação do Espírito Santo que o capacita com meios adequados, também

⁴⁵ SILANES, Nereo. *Vida cristã*, p. 929.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 924.

⁴⁷ RUPNIK, Marko Ivan. *O discernimento*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 98.

divinos, onde as virtudes teológicas agem nele de modo semelhante às potências sobrenaturais. De fato, a relação entre a fidelidade e o processo se dá dentro de um raio de consciência filial que liga Cristo ao Pai⁴⁸. Então essa fidelidade vocação se traduz na conformação à pessoa de Jesus. Cabe entender a fidelidade como processo, porque os cristãos estão no Espírito (Rm 8,9), e têm o Espírito como fonte motora que os impele e move agir filialmente, cristiformemente e pneumaticamente.

A fidelidade, enquanto processo, se configura com o discernimento permanente. Por isso, é necessário fazer memória do amor primeiro. Centrar-se em Deus e enraizar-se na existência que nos afeta. Saber que a vida do cristão é, por conseguinte, um novo modo de ser. Desse processo de consciência emerge uma espiritualidade da missão que percebe Deus na densidade do humano e, concomitantemente, o cristão como ampliação no tempo do próprio Deus que se manifesta em sua TriUnidade.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Tomás. *Suma de Teologia*. Madrid: BAC, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. *Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 1994.
- BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOFF, Leonardo. *Habitar a terra: Qual o caminho para a fraternidade universal?* Petrópolis: Vozes, 1986.
- BULGAKOV, Sergej Nikolaevic. *L'agnello di Dio: el mistero del Verbo incarnato*. Roma: Città Nuova, 1990.
- BURRUFFO, A. Discernimento. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: 1993.
- COEN, Monja; GRÜN, Alselm. *A descoberta da existência*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- PAULO VI. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Declarações, Decretos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CORDOBÉS, J. Manuel. Vocação. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: 1993.
- FORTE, Bruno. *Introdução à fé*. Aproximação ao mistério de Deus. São Paulo: Paulus, 1994.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020.
- _____. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

⁴⁸ ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e moral*. História, Interpretação, Perspectivas. São Paulo: Ave Maria, 2007, p. 172.

_____. Carta Encíclica *Laudato Si*. Louvado Sejas. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

GARRIDO, Javier. *Afectividad y seguimiento de Jesús: celibato y discipulado*. Gassteiz/Vitoria: Frontera Hegian, 2004.

GONZÁLEZ CARDEDAL, Olegario. *Dios*. Salamanca: Sígueme, 2004.

GONZÁLEZ CARDEDAL, Olegario. *La entraña del cristianismo*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2001.

GREISCH, Jean. Lire, interpréter, comprendre. In: J. VERHEYDEN, T.; VANDECASTEELE, P.; HETTEMA, Tl. *Paul Ricoeur poetics and religions*. Leuven: Uitgeverij Peeters, 2011.

GRÜN. Anselm. *Oração e Autoconhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HALÍK, Tomás. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LADARIA, Luis. F. *La Trinidad misterio de comunión*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2007.

PIE-NINOT, Salvador. *La Teología Fundamental. Dar razón de la esperanza (1 Pd 3,15)*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2009.

ROCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um evangelho a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2006.

RUPNIK, Marko Ivan. *O discernimento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SILANES, Nereo. Vida cristã. In: PIKAZA, O; SILANES, Nereo. *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1998.

XAVIER, Donizete José. *Teologia Fundamental: introdução à Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2021.

ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e moral. História, Interpretação, Perspectivas*. São Paulo: Ave Maria, 2007.